


Quando a escola se perde pela eventualidade de um lugar

When the school is lost due to the eventuality of a place

Cuando la escuela se pierde por la eventualidad de una plaza

Cleber Abreu da Silva ¹  <https://orcid.org/0000-0001-6162-1888>

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  - Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Autor de correspondência: clebera3@gmail.com

Recebido: 16 Set. 2024. Aceito: 01 Nov. 2024

Editor de seção: Glaucio Marafon  <https://orcid.org/0000-0001-9510-7094>

Resumo

Este artigo se interessa em se perder pela seguinte questão: O que surge a partir da escola quando a fronteira que a separa da vida é quebrada por acontecimentos históricos e eventualidades geográficas? A inspiração ocorre com autores diversos que propõem fluxos de pensamentos em composição com a Diferença, se destacando a ideia da eventualidade como uma possibilitadora de aberturas que compõem forças que permitem outras aproximações com o espaço geográfico. Nesse acontecimento eventual o não humano se alia aos personagens humanos, colaborando para que as afetações surjam de encontros ocorridos na escola, sempre desejando extrapolar seus muros, fraturando as fronteiras e trazendo as zonas de indeterminação.

Palavras-chave: Escola, Lugar eventual, Não humano, Acontecimento, Lugar escolar.

Abstract

This article is interested in getting lost in the following question: What emerges from school when the border that separates it from life is broken by historical events and geographical eventualities? The inspiration comes from different authors who propose flows of thoughts in composition with Difference, highlighting the idea of eventuality as an enabler of openings that compose forces that allow other approaches to geographic space. In this occasional event, the non-human allies with the human characters, contributing to the affectations arising from encounters that took place at school, always wanting to go beyond its walls, fracturing the borders and bringing in zones of indetermination.

Keywords: School, Possible place, Not human, Event, School Place.

Resumen

A este artículo le interesa perderse en la siguiente pregunta: ¿Qué emerge de la escuela cuando la frontera que la separa de la vida se rompe por acontecimientos históricos y eventualidades geográficas? La inspiración proviene de diferentes autores que proponen flujos de pensamientos en composición con Diferencia, destacando la idea de eventualidad como habilitadora de aberturas que componen fuerzas que permiten otros acercamientos al espacio geográfico. En este eventual evento, lo no humano se alía con los personajes humanos, contribuyendo a las afectaciones derivadas de encuentros ocurridos en la escuela, queriendo siempre ir más allá de sus muros, fracturando las fronteras y trayendo zonas de indeterminación.

Palabras-clave: Escuela, Lugar posible, No humano, Evento, Lugar escolar.

Começando a nos perder...

A busca pelos traçados da vida, partindo da escola, é uma importante linha de entrada para esta tese. Vida, essa é uma bela palavra que me acompanha por toda uma trajetória de estudos, em boa parte voltada à educação. E pensar em educação é, numa perspectiva mais imediata, me relacionar com a escola, com o que nela tem, com o que foi criada para ser, com determinações que às vezes apenas nela existem, felizmente, com um amplo universo de possibilidades que pode existir, a depender dos caminhos que pudermos seguir.

A escola estará em todo esse texto, talvez não mais da maneira que em parte da minha vida imaginei, mas estará. Por muito tempo, já influenciado por processos de formação e atuação como professor de geografia, idealizei uma escola como lugar de futuro, quase um santuário da oportunidade, da construção de país, de progresso, enfim, nela era para se aprender, evoluir, tornar as pessoas mais próximas de uma igualdade (LARROSA, 2019; RANCIÈRE, 2019).

Porém, essa mesma escola não se limita a um único caminho que nos apresenta uma verdade inquestionável de sua finalidade, e apesar da força de muitas das promessas universais ser ainda fortemente presente pelos corredores, além de toda uma política afirmativa que atravessa o significado escolar, existem vidas que estão em relação nela, e estas são imprevisíveis em muito do que trazem ao território moderno da educação.

Passei, ainda passeio, pela escola com lentes de um professor de geografia, por isso, em muitas das vezes, sou um curioso na busca de informações sobre os lugares, flertando com uma perspectiva geográfica dos fatos, caminhos que me empurram a geografizar onde estamos e o que podemos ser. Esse conhecimento, que se mistura ao pedagógico, por muito tempo corroborou minha forma de ver a escola, as pessoas que nela circulam, suas teleologias, em grande parte salvadoras, enfim, esses campos do conhecimento, por influências teóricas que tive de um longo período, contribuíram para a produção de uma espécie de congelamento das vidas em uma infinidade de experiências educativas que pela escola tive.

Não limito essa escrita à escola, à educação, ou ao próprio ensino de geografia, mas a mistura desses componentes também faz parte do que virá, até porque dois temas de destaque, que são algumas das relações entre tempo e espaço, serão de histórias que surgirão da escola, potencializando uma importante área de interesse da geografia, que é o espaço em sua vertente geográfica (MASSEY, 2013).

Duas outras importantes questões me acompanharam em escolhas feitas para a esta escrita, sendo relevante que as apresente. A primeira é a de saber se realizaria a investigação na escola, já a segunda é de como me relacionaria com as histórias a serem contadas. Sobre a escola ser um lugar, esse foi um questionamento desde as primeiras discussões a respeito de procedimentos a serem escolhidos, ainda como projeto. Uma primeira possibilidade, entre outras, foi a de que seria pertinente a permanência da escola, mas levando em conta que ela não é um território fechado em seus acontecimentos, e por isso poderia ganhar relevo no trabalho a busca dos movimentos que as vidas fazem entre o que é registrado no interior dos muros e o que está além, e que uma importante atenção a se ter seria com a preocupação em não separar essas relações.

Antes de prosseguir com a escola, tenho que esclarecer também sobre como será a minha participação nas histórias a serem contadas. Esse impasse para quem escreve no campo da educação é clássico, tornando comum a dúvida se o caminho é pelos métodos qualitativo ou quantitativo, se a prática de investigação ocorre por meio de uma pesquisa participante, ou ação, até se alguma forma de escolha compreende a condição de uma investigação neutra, me esforçando para conseguir um distanciamento dos fatos pesquisados. Até o instante em que essa discussão ocorreu pela primeira vez, também em conversações sobre o projeto, sequer considerava a ideia de que fosse possível realizar uma pesquisa em

que eu estivesse na história, pois, se estava na universidade, era para fazer ciência, e só ganhando uma capa de científico que o trabalho conquistaria credibilidade.

Uma outra questão me pressiona também, e ela é sobre quais histórias podem ser escolhidas? Será que há uma espécie de objeto que serve de partida ou critério para que o acompanhamento ocorra? Ou, até por escolhas procedimentais, sigo pistas? Quanto a essas perguntas, houve modificações importantes no acompanhamento das relações, mas admito que o espaço geográfico foi um importante catalisador das potenciais histórias.

É difícil ter uma relação com os lugares e pessoas onde as fronteiras não são realmente diluídas, e isso aconteceu com a escola por quase toda a tese. Foi por muito tempo impensável me relacionar com a ideia de que a própria fronteira é uma invenção humana, por isso chamo a atenção para a influência que essa concepção produz em experiências, sejam as vividas, algumas que se deixam de viver, até aquelas em que há a privação na crença de que seja possível vivê-las. As fronteiras podem nos cegar por um longo período (DARDEL, 2015; LATOUR, 2017).

E se as demarcações persistem, isso pegando a escola como um potente lugar em que as relações são estabelecidas, basicamente tudo que experimentei nesse período continuava a ter uma extensa conotação teleológica, impondo uma linha reta aos encontros, às palavras, conversações, maneira em que o espaço geográfico é trazida, enfim, a mediação, com todos os seus vícios de humanização, se espalha pelo que é visto, separado, acompanhado e apresentado (MASSCHELEIN & SIMONS, 2018; RANCIÈRE, 2019; LARROSA, 2019).

Quebrar as representações da maior parte das palavras em suas significações imediatas, e desconfiar da ideia que inicialmente temos sobre alguma história vivida, foram dois dos mais relevantes exercícios que fiz nesse desafiante momento, não apenas nas histórias acompanhadas, mas também em como passariam a ser escritas e combinadas. É fazer “[...]o (im)possível ser aquilo a que se chega não a partir de um traçado já previsto, possível de ser trilhado, mas que se encontra quando se é forçado a criar um ato linguagem para dizer algo que escapa às palavras e significados já existentes” (OLIVEIRA JR., 2017, p. 1162).

Como produzir uma relação de fuga da representação e estranhamento de uma ideia tida como verdadeira, partindo da escola, e se relacionando com esferas de circulação e encontro como o espaço geográfico e o tempo? O caminho nesse momento de experimentação da escrita e no jeito em que as histórias, anotações e lembranças passam a ser compostas, foi violentada pelo dispositivo proposto por Massey (2013) do lugar como eventualidade. Em seu argumento a autora diz que

[...] o que é especial sobre o lugar é, precisamente, esse acabar juntos, o inevitável desafio de negociar um aqui-e-agora (ele mesmo extraído de uma história e de uma geografia de “entãos” e “lás”), e a negociação que deve acontecer dentro e entre ambos, o humano e o não humano. Isto de modo algum nega um sentido de deslumbramento: o que pode ser mais inspirador do que andar pelas montanhas conhecendo a história e a geografia que as fizeram estar aqui, hoje? Isso é a eventualidade do lugar “ (MASSEY, 2013, p. 203).

Me senti convidado a olhar a materialidade para além das fronteiras humanas, e sua proposta de inserção relacional com os não humanos, a natureza, de uma forma geral. Como essa relacionalidade é quase experimental, pois é realizada de maneira nascente, demandando, segundo ela, imaginações da própria geografia, e também de outras ciências humanas, como muito bem nos diz Latour (2017), enxerguei esse dispositivo como modalidade de encontro com outras pistas, não as limitando mais as estritamente humanas.

Como escrevi em outro momento, sou professor de geografia, e esta conversação tem como interesse contribuir para que o espaço geográfico seja um aliado na feitura de acontecimentos que abrem buracos na escola e na própria educação, isso para que se ampliem conversações com pessoas, grupos, lugares que, sob a égide de uma história hegemônica, fortemente ancorada em suas metanarrativas, poucos movimentos ainda realizam. Neste instante trago a natureza ao espaço geográfico, que nas diferentes correntes de pensamento que o produziram, com o destaque para as teorias críticas, houve uma reificação de sua existência. Foi no encontro com o tempo que movimenta e que empurra a outros períodos, e também com o lugar eventual, que abre as relações espaciais em suas multiplicidades históricas, que o não humano é trazido a muitos dos acontecimentos que conheceremos.

O não humano não chega apenas para se opor ao humano, como ainda é feito, por exemplo, na maior parte das correntes de ensino de geografia, condição que é facilmente identificada quando folheamos os livros didáticos da área, mas se faz necessário que ainda me atenha sobre como essa natureza entra na pesquisa e na escrita. Foi por meio de uma simultaneidade de fatos que começa pela aproximação com Latour (2011; 2017), passa pelas “imaginações” sugeridas por Massey (2013, p. 200), e, por fim, chegando à provocativa e poética (im)possibilidade geográfica apresentada por Dardel (2015), quando este cria fortes estímulos para que pensemos uma geografia para além da materialidade humana.

Na escrita das histórias a partir da escola, que foi se tornando progressivamente cada vez mais geográfica, as relações com os acontecimentos não humanos entram como uma das principais forças desta proposição. Neste momento, novamente, recorro à importância de uma abdicação do tempo linear como busca dessas histórias. A inserção não humana não seria crível se uma dialética progressiva temporal fosse o caminho seguido à exposição dos acontecimentos. E já que retornamos ao tempo, é valioso destacar a influência de autores da diferença, como Nietzsche (2009; 2018) e Bergson (2022), com um melhor entendimento deste último amparado por Deleuze (2012), para que realidade e virtualidade passassem a misturar, com idas e vindas, não apenas as histórias, mas também os lugares, as pessoas, a natureza, viabilizando o encontro com um espaço geográfico que, em muitos dos momentos, fica difícil saber se é real ou irreal (DARDEL, 2015).

Vidas surgem nessas histórias e, juntos, começamos a percorrer e a descobrir as surpresas trazidas pela indeterminação, por suas misturas, por aquilo que o comum começa a exigir que negociemos. Fruto desse agenciamento, passa a ocorrer o aparecimento de materialidades impensáveis em que muitas das forças que acompanham esses deslocamentos mudam constantemente de sentido, pois onde, até um determinado tempo, o acontecimento era trazido para o centro da escola, suas novas linhas temporais, atualizadas por movimentos que chegam de todos os lados, começam a nos empurrar para além deste centro. Ressalta-se que, assim como a fronteira, a ideia de centro passa a ser entendida aqui como uma outra criação eminentemente humana, fictícia, perdendo progressivamente seu significado. O uso, inclusive, é apenas para efeito de explicitação dessa transição.

As barreiras espaciais, tão usadas na análise geográfica, as invenções humanas (LATOUR, 2017) que fortalecem essas hierarquias, as certezas que circulam pela escola e que tentam idealizar sujeitos com determinações universais em suas posturas e valores, começam a ter o lugar igualmente ocupado por outras linhas, cavando buracos. Esse lugar, até então aprisionado pela escala geográfica convencional, que o colocava em condição de submissão ao espaço, ou até isolamento deste, passa a ser considerado em suas eventualidades (MASSEY, 2013), por isso o que era natureza invade a escola, o que surgiu na escola se misturou ao não humano, o que seria fruto da fantasia, pois está fora da materialidade concreta, como a água, a nuvem, o manancial, é incorporado às histórias.

Elementos naturais, ou não humanos, reforço que a partir de agora ambos serão escritos dessa maneira, sem que um se diferencie do outro, passam a compor as histórias com

o mesmo protagonismo que os integrantes humanos, mas reforçando que a tentativa é fugir das dicotomias entre eles, realçando na escrita momentos, que se tornam acontecimentos, em que os dois lados deixam de se opor e passam a se relacionar, verdadeiramente.

Essa relação, ou os desdobramentos dela, será apresentada da maneira em que as imaginações permitirem, procurando fugir a todo instante de coerências já determinadas pelo conhecimento prévio. Esse aspecto, destacado em outro momento dessa apresentação, se faz importante, pois, realmente, em histórias onde o componente não humano surge, o mesmo é escrito e criado a partir da lembrança de uma outra história, ou de uma composição identificada de alguma circulação pelo lugar. As histórias não ocorrem simultaneamente de forma coerente, elas se encontram, se relacionam, se perdem, em muitas das vezes, cessam em suas conexões, aproximações, durações, ou lembranças.

O lugar eventual (MASSEY, 2013) e a quebra do par binômio humano e não humano (LATOURETTE, 2017) abrem caminhos para que a materialidade geográfica tenha força em sua composição de relações com as histórias mais humanizadas que marcarão instantes da escrita. Quando essa inserção não humana ocorre, especialmente pela maneira em que as criações passam a ser experimentadas, com destaque ao momento da escrita, não havia uma ideia nítida do que poderia ocorrer. Aproveito para ressaltar, em meio a essas composições escritas, o aparecimento do que denomino de uma GEOGRAFIA HISTÓRICA DOS ACONTECIMENTOS. Essa ascensão de integrantes geográficos não inviabiliza a continuidade da existência das histórias contadas a partir de um lugar eventual, com muitas surgindo na escola, mas o que considero uma materialidade natural passa a mexer, com uma certa força, em caminhos seguidos nas histórias, até então limitadas às pessoas. Por isso, provavelmente, as duas concepções se misturam, fazendo dessa indiscernibilidade uma das mais importantes criações desta proposta.

A Grota é o caminho da perdição. Com ela nos perdemos pelo rio...

Começar a viver esse acontecimento em um lugar eventual, a partir das possibilidades que a escola dá, me leva a uma parte do bairro em que estamos conhecida como Grota, isso porque a partir de um rosto surge uma discussão que nos fez questionar algumas das maneiras que aderimos às ideias que circulam. E aqui não destaco uma necessidade de viabilizar algo nunca antes pensado, não há essa pretensão, mas faço um convite a pensar sobre como nos inserimos nessa rede, como reproduzimos representações e até matamos, imaginando que estamos numa geração de vida.

Foi o encantamento pela ambição da ausência de uma definição de rosto que me fez sair de uma Grota representada, universalmente ocupada por marcações e restrições, para uma disposição em passear por sua paisagem, alertado, de forma muito oportuna, por um morador de que a fotografia não tem que aparecer antes do viver. Aceitei seu alerta e, acompanhado por um ex-aluno da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e um outro do ensino regular, moradores de lá, tento me perder pelas imaginações da eventualidade daquele lugar. Este, o lugar eventual, é uma outra defesa desta escrita, pois é nele, com ele, e aprendendo por meio dele, que avisto a composição natural-humana, aberto às surpresas que a mistura de histórias e a diluição da dicotomia humano-não humano podem nos propiciar.

Na Grota nasce o rio dessa história. Esse afluente que ao ser nascente já mata a sede e a fome de muita gente. Nela encontrei a vida em seu nascimento, no meio de um lugar ainda representado, à distância, por uma suposta morte. Não é apenas a Grota que já nasce morta, mas morrem também os alunos que dali vêm, os pretos do fundo do vale que a escola persiste em esconder, pois os lugares modernos, com seus pensamentos já fotografados, recusam a se relacionar com o que eles trazem. Na grota enxergo a mata, especialmente quando sua sombra abraça as casas dos ciganos, dos “*brancos azedos*”, dos que têm comida, e dos que

também não têm. Até a água, a depender do humano, falta, mas a natureza faz questão de lutar pela vida, de dar, gerar, alimentar. Ao brotar, especialmente quando é um córrego, corre, arrasta, levando as histórias que nascem com ele e que seguem para o encontro com o rio, produzindo acontecimento, com as geografias.

Segui o fluxo do rio, isso para tentar ver o que o faz ser tão persistente no encontro com o mar, apesar das pedras no meio do caminho, da racionalidade jogada nele, do que os valores universais ancorados no ideal de humanidade fazem com ele, ao desprezá-lo. Aceitei a tese de Latour que afirma que “começamos a entender que o par humano-não humano não envolve um cabo de guerra entre duas forças opostas. Ao contrário, quanto mais atividade houver por causa de uma, mais atividade haverá por causa de outra” (LATOURE, 2017, p. 175).

O rio continua a correr, agora com suas margens ocupadas por lixo, concreto, asfalto e pessoas, e com ele vimos movimentos sem novidade, refletindo a racionalidade. Canalizados na maior parte das cidades, sendo escondidos para não atrapalharem, são jogados para debaixo do tapete asfáltico por causa das sujeiras que passaram a representar.

Deixar de saber da existência de um rio, especialmente quando este corta médias e grandes aglomerações urbanas, não parece algo muito difícil e, a depender do que o atravessa, a possibilidade se eleva. Mas poucos crescem não tendo uma clareza do que fazer na escola, na universidade, na profissão, no casamento, nas relações, ou seja, naquilo que a vida em sua proposta moderna quase impõe. Que vida é essa em que todo o nosso caminho já está reservado?

Fui convidado a me perder, a reformular “minha imaginação” (MASSEY, 2013, p. 191) com o rio, pelo rio, da serra em direção a foz,

como um tecer de estórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro de topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada, [...] que me lembra, [...] aquela insustentável disjunção entre a celebração do fluxo cultural e a mistura e a excitação frente ao mundo natural, que não vai ficar parado (MASSEY, 2013, p. 191).

A grande questão a respeito do rio e suas possibilidades é que a água que o forma indica origens desconhecidas, tempos atravessados, movimentação constante da vida que nele há, seja ela qual for, intensa conexão com diferentes lugares, mesmo que geograficamente não estejam materialmente ligados (DARDEL, 2015). Também é por isso que houve a escolha do rio para indicar uma trajetória de aprendizagem com o inesperado.

Segui-os me leva a literais possibilidades eventuais, pois com eles chego à nuvem que traz a chuva, que abastece o subterrâneo, que, espremida nas profundezas, se torna nascente, alcança a casa das pessoas, que, envolvida em um ciclo, é contaminada, devolvida, com parte escorrendo entre as casas e uma outra voltando aos afluentes, aos rios. A água que traz vida, que mata a sede, também é morta por quem ela faz viver.

O lugar visto em sua coetaneidade cria uma outra maneira de procura pelo conhecer, e talvez este seja o maior desafio que se materializa nesta escrita, e na concomitante criação do pensar, junto com aqueles que são fundamentais a essa produção. Da nascente na grotta, entramos no movimento que o córrego leva, e não pára mais. Saio das franjas da cidade, das partes escondidas dela, de onde a escola existe para fazer lugares como esse deixarem de existir, com o discurso da salvação.

Desafiante circular em um lugar onde o que estávamos acostumados a fazer, que era o que esperávamos fazer, começa a levar para uma navegação diferente daquela que historicamente navegamos, quase o naturalizando. Pelo rio, avisto a serra muito distante, deixando de perceber a presença das matas ciliares, necessárias à proteção das águas,

constantemente agredidas pela racionalidade que se faz em nome do progresso. Há muito conhecimento em detrimento do vazio, excesso de informações, verdades demais, impedindo que nos relacionemos mais livremente com as possibilidades que insistem existir em trechos menos urbanizados dele.

O lugar que invade o espaço geográfico, com este invadindo o lugar, coexistem definitivamente urbanizados (MASSEY, 2013), compreendidos em sua maior parte por um concreto de certezas que torna bastante improvável a ideia de que haja vida naquele rio, mesmo que em outro trecho. O modelo de humanidade, de desenvolvimento que busca incessantemente a evolução, se apresenta como muito feroz sobre elementos não humanos.

Portanto, morte, vida, continuidade, retomada da existência, tudo que ocorre com um rio não pode ser limitado a uma simples perspectiva de começar na nascente e findar quando do encontro com o mar. O rio nos dá muitas possibilidades para fugir, por isso “[...] não se trata de tal ou qual lugar sobre a terra, nem de tal momento na história. [...] Trata-se do modelo que não para de se erigir e de se entranhar, e do processo que não para de se alongar, de romper-se e de retomar” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 42).

Esse ciclo, que rompe e retoma, reforça a riqueza trazida pelo fato de qualquer rio integrar uma bacia hidrográfica, composta de afluentes, com estas sendo de tamanhos variáveis, de fluxos de água que também se diferenciam ao longo de suas existências, e que, assim como qualquer vida, traz distinções em suas intensidades, abrindo a possibilidade de enxergar que existem outras fontes de alimentação, além de constantes interferências desconhecidas.

As possibilidades espaciais do rio são amplas, por isso imprevisíveis, com esses fatores inesperados sendo um amálgama de humanos e não humanos que compreendem um longo período histórico dessa humanidade. Aliás, essa humanidade existe por sua intrínseca relação de dependência com os rios, nos muitos lugares do mundo e em seus diferentes tempos.

Esses rios, quando saímos de pensamentos que os limitam à espacialidade do início e do fim, oferecem possibilidades de, por meio de seus funcionamentos, entender melhor os efeitos da chegada da diferença sobre o lugar eventual que por eles é afetado. Neste há os afluentes, os lençóis freáticos, a maneira em que os humanos se relacionam com os efluentes, o que surge a partir daí em termos de manutenção da vida ou fortalecimento da morte, a preservação das margens ou seus usos como reflexo do progresso trazido pela ciência, e o ciclo hidrológico que reaproveita essa água em suas diversas partes, por meio das muitas etapas de transição de seu estado físico atmosférico. Nesse contexto,

O espaço não é uma realidade subsistente: ele se subtrai lá onde o homem não pode segui-lo. Não é o homem que faz uma ideia do espaço, é o espaço que vem ao seu encontro e o chama; ele só existe nessa atualização, nesse movimento de se apresentar. Isso não significa que o que está “fora do espaço” esteja fora da realidade (DARDEL, 2015, p. 51).

Dardel continua e diz que

Está claro que em tal interpretação em que a Terra é a substância da qual são feitos os homens, [...] em que o rio, [...] o mar regeneram os seres, o homem não pode se ater à observação de objetos inanimados. Aquilo que chamamos de subjetividade é transferida às realidades geográficas, e é o homem que se sente e se vê como objeto: produto ou juguete de forças que se manifestam para ele em seu ambiente, e sobre os quais ele reage com sua magia e seus ritos. Mesmo os estados emocionais e afetivos, como o medo, o ciúme ou o amor, que nos situam na vida interior, lhe aparecem como a infusão de algum poder difuso em seu entorno e que, do exterior, vem lhe invadir (DARDEL, 2015, p. 50).

Mais uma vez parece que essa relacionalidade, a depender de seus agenciamentos, nos inspira a entender o que a profanação de um modo de ver o espaço geográfico e a educação pode trazer de vivo a algo que está terrivelmente envelhecido.

Os rios da cidade vieram das serras e, ao descerem, racionalizam, canalizam, para o “bem” daqueles que ali habitam. O volume de água, baixo por agenciamentos que se tornam predatórios aos integrantes não humanos, se eleva pelo recebimento do esgoto, segue um dos caminhos, sendo empurrado em direção ao mar. Os sedimentos aumentam, afinal, todo o solo das margens e as matas ciliares são, em nome da igualdade (moderna), deslocadas. Essa condição gera respostas, nem sempre muito amigáveis, pois algumas delas são compostas de devastação, destruição, invasão. E, será que com a devastação pode vir a criação? Será que são tão opostas como parecem, ou mostram a todos nós o violento agenciamento entre humano e não humano, desenvolver e destruir, saber e desconhecer, falar e escutar, barulho e silêncio, conhecimento e ignorância, progresso e ausência de sentido, entre seguir um caminho e estar perdido? Latour (2017, p. 230) sugere, definitivamente, que abandonemos o dualismo, defendendo também uma “clareza analítica [...] que [...] ao longo de linhas [...] não seja traçada pelo polêmico cabo de guerra entre objetos e sujeitos”. Ainda para o autor

O jogo não consiste em estender a subjetividade às coisas, tratar humanos como objetos, tomar máquinas por atores sociais, e sim evitar a todo custo o emprego da distinção sujeito-objeto ao discorrer sobre o entrelaçamento de humanos e não humanos. O que o novo quadro procura capturar são os movimentos pelos quais um dado coletivo estende seu tecido social a outras entidades (LATOURE, 2017, p. 230).

O rio parece ser um desses acontecimentos em constante condição de movimentação, também de renovação, mas sem descartar o que por ele passa, ou o que com ele se relaciona, e essa talvez seja a grande oportunidade que nos dá. Viajamos no tempo com ele, pois a água que nos mostra é sempre de um tempo indeterminado. Fazemos uma real imersão espacial e geográfica, com todas as intensidades possíveis, pois o que no rio está - não nos esqueçamos que tudo chega nele pois se encontra no fundo dos vales - vem de muitas moléculas, imagináveis e inimagináveis, racionais e poéticas, de verdades e mentiras, do atmosférico e do subterrâneo.

O que nasce e que será o rio já morreu há muito tempo, o que está embaixo já veio de cima em um tempo desconhecido, o que foi limpo, hoje está sujo, amanhã estará morto, e por uma série de outras intervenções e misturas, num futuro estará limpo, ou não. O rio quebra qualquer entendimento linear, regular a respeito do tempo, e reforça a complexidade imprevisível das relações espaciais, em sua força que não permite que estas sejam enxergadas de forma representada. O rio é um pensamento sem imagem, pois sua organicidade não permite que sua imagem seja o pensamento (DELEUZE, 2020). Essas “metamorfozes [...] conservam, sob uma forma literária, a lembrança, algumas vezes nostálgica, desse mundo em que o visível é apenas o dom revogável de um poder invisível” (DARDEL, 2015, p. 53).

Sobre o rio somos atenção a todo instante, pois, se não a tivermos, passamos a reproduzir o conhecimento, que o objetifica como coisa a ser dominada pelo humano. O rio, nessa perspectiva, se limita a fornecer o que a humanidade quer dele, o descartando quando essa mesma humanidade devolve o que usou. Mas, em nome do progresso, tudo se justifica, isso porque o tempo, em sua linearidade desenvolvimentista, dará conta de resolver todos os problemas gerados por alguma forma de desigualdade de relação que surja no meio do caminho.

Os caminhos conseguidos pelos rios, sejam os principais ou os afluentes, são permanentemente inesperados, sendo muitas as obstruções ao longo deles. Entre o início e o fim, há uma linha, com tudo dependendo de como enxergamos o que acontece nela. O que pode acontecer se em uma parte do caminho percorrido pelo rio, ou afluente, tiver uma escola?

Parece que dois grandes objetivos modernos se encontram, com a natureza sendo dominada pelo pensamento humano, e suas respectivas técnicas, e a escola sendo o lugar que o pensamento desse ser é reproduzido para que a dominação se materialize, descartando o não humano, visando o aperfeiçoamento dos conhecimentos, necessários à supremacia do super homem (NIETZSCHE, 2009).

Afogando no rio do conhecimento?! Para concluir, ou simplesmente continuar

Partindo de uma possibilidade já apresentada em um outro momento dessa escrita, vimos que a escola não é parte de um lugar com fronteiras intransponíveis, por isso proponho que o rio passe pela escola e que ela navegue pelo rio, não sabendo o que encontrar pela frente, desbravando as eventualidades a serem vistas, imaginadas, até inventadas. É possível, inclusive, que vejamos a chuva, com ela nos trazendo muita nebulosidade, escuridão, além da água de tempos indefinidos, vinda de um lugar desconhecido do espaço geográfico, perseguindo algumas de suas irrealidades. Neste encontro aceito as provocações do devaneio proposto por Bachelard, onde este destaca que

O homem do devaneio está sempre no espaço de um volume. Habitando verdadeiramente todo o volume de seu espaço, o homem do devaneio está em toda parte no seu mundo, num dentro que não tem fora. Não é à toa que se costuma dizer que o sonhador está imerso no seu devaneio. O mundo já não está diante dele. [...] No devaneio o não já não tem função: tudo é acolhimento (BACHELARD, 2018, p. 161).

Integro uma geração que cresceu já não tendo a natureza como ameaça, ao contrário, nos relacionamos com tudo que é natural como algo já previamente dominado por técnicas que o homem, por meio da produção do conhecimento, se engajou em sofisticar. Com a evolução de muitas delas, veio o investimento em elementos científicos, em geral, voltados para o domínio da natureza, até para fazer com que um modo de vida, comercializado pelo modo de produção, fosse sedutoramente vendido às pessoas (SANTOS, 2014). A fabricação dessa realidade foi robustecendo com tanta hegemonia nas últimas décadas que, para uma parte da humanidade, a natureza passou a ser vista, inclusive em seus instantes de lazer, como também "disneificada" (HARVEY, 2005, p. 232). Não proponho a disneificação do rio com a escola, mas que, com ela sendo considerada um barco, seja levada pelas forças que essa fonte de vida traz, estando COM ele, não sobre ele.

Flutuar pelo rio se apresenta como uma ação cada vez mais perigosa, mas, convenhamos, essa palavra não faz parte da gramática segura da escola, máquina voltada à produção do progresso. O receio do perigo é para os fracos, inseguros, e esses não são os valores que predominam sobre um importante lugar que forma a nação. O telos escolar é o de construir para produzir, e, a partir daí, propiciar que todos estejam aptos a dominar a natureza, preferencialmente, a consumindo. Querendo pavimentar as linhas que aqui temos, ao criar uma história que toca "em questões geográficas, [...] fraturando-as em seus signos e significados habituais - geografia maior - de representação [...], desterritorializa-se aquela linguagem que sustenta nossos entendimentos geográficos, uma vez que estamos a grafar o espaço com outros signos" [...] (OLIVEIRA JR., 2019, p. 34).

Vamos com o rio, muito lentamente, pois é inverno e essa estação na nossa região é de pouca chuva, mas de muito nevoeiro, e, como pretendemos começar bem cedo, provavelmente a névoa será nossa companheira por um bom trecho. Por algumas semanas não houve chuva, dessa maneira os bancos de sedimentos e dejetos no fundo do rio ficam mais destacados. O assoreamento está em alta, a água está em baixa, tem água no subterrâneo, mas ela não vem à superfície quando simplesmente queremos. Continuemos a navegar.

Da nascente nos encantamos, pois tudo ali parece apenas querer brincar. A árvore invade a água, seus galhos caem, estão na margem, misturam-se, e, todos, são constantemente abastecidos pela água que brota do subterrâneo. A eventualidade em acontecimento nos convida a brincar e nela parece não haver palavras para o convite, a explicação, orientação, normatização, classificação, determinação de objetivos. Na composição que vimos da água com as árvores, retorcidas, com o solo nas margens, com o que vem do chão, em trechos que ascendem as rochas, no solo que se apresenta de diferentes cores, a palavra representada não se faz necessária, simplesmente se relaciona como pode, brincando. “E as palavras das grandes coisas, como [...] a noite e o dia, o céu e a terra, só assumem seus sentidos designando-se como “pares”. Um par domina o outro, um par engendra o outro” (BACHELARD, 2018, p. 34), e aqui, por enquanto, poucos querem dominar e engendrar, desejam, ainda, apenas brincar com as coisas MENORES.

O brincar parece brotar, sem que haja a mediação, a intenção, um fim, ele simplesmente age. Ao se relacionar, hidrata o nascer do outro, levando a possibilidade de surgimento de nutrientes que passam a ser vida, a se relacionar com diferentes maneiras de viver, sabendo que o encontro se faz intenso para que vidas brotem, sem que uma seja mais valiosa do que outra. Assim, querem seguir na brincadeira.

Como, após brotar, o agenciamento é irreversível, o que nasce, segue, sabendo que toda água de um rio que brota é fruto de um início, tendo simultaneamente a percepção de que ela já esteve em algum momento na foz, em um suposto fim. A água é circular e por ser assim não se tem precisão da sua história, muito menos se em algum instante aceitou pertencer a alguma. Porém, por passar em diversos lugares, agenciando com muitos outros, é possível que também traga uma infinidade de fatos. Para Dardel, quando este reflete sobre a relação mítica da água com diferentes povos, ele destaca que para eles em suas práticas religiosas, por exemplo,

[...] a água intervém como fator de regeneração, de aumento no potencial da vida. [...], as águas constituem o espaço primordial, possuindo o mais alto grau do poder de começar, de manter prontas as virtualidades, de renovar a energia vital dos seres que nelas mergulham. Particularmente ativa na chuva fecundante, a água se torna facilmente o símbolo, por excelência, da vida (2015, p. 50).

Brincando e seguindo o trajeto do rio, com o barco/escola, começamos a contar histórias e a inventá-las. Alguns integrantes já fazem a sugestão de ir direto para a foz, se encontrarem com o mar, dando mostras de impaciência. Uma certa apreensão surge, pois é o instante em que o encontro com a névoa, mais densa, acontece. A descida pelo rio continua e, além da nebulosidade, o que se vê é uma intensa vegetação que oferece poucas chances de saída da água, fazendo com que a viagem fique, além de limitada, tensa, pois muitos querem apenas continuar a brincar, sem palavras mediadoras.

Avista-se a cidade e, com o calor, a névoa começa a dissipar. Os mediadores explicam a funcionalidade dos prédios, a razão das indústrias, as estações de tratamento de esgoto, isso depois de passarem por muitos lugares em que efluentes, diversos, já se misturavam às águas do rio. Surgem movimentos que desejam o retorno do brincar, mas vozes da razão reforçam que naquela viagem se faz necessário incorporar informações, levar a todas as pessoas o conhecimento. Brincar, por isso, pode até continuar, mas mesclando com o desejo de saber. No caminho surge a proposta do conhecimento lúdico, até para tornar a trajetória pelo rio uma experiência menos angustiante, o que já acontecia com diversos que ali estavam. Larrosa tenta intervir nessa tensão, dizendo que “A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram. [...] Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro, aquilo que [...] inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas” (LARROSA, 2019, p. 230). Nesse embate destacado por Larrosa, o brincar foi sendo tomado pelo conhecimento, e isso ocorreu em maior intensidade quando da

passagem pelo marco zero da cidade, origem de seu nascimento e desenvolvimento, de acordo com os mediadores. Viva o progresso e a ordem!

Nuvens carregadas surgem, a claridade começa a ser diminuída com a escuridão na composição do tempo e, com a saída da cidade, as descidas ficam novamente íngremes, demandando um olhar mais atento ao improvável que parecia sempre porvir. Nesse contexto, as histórias voltam a cessar, as palavras regridem, não querem explicar o que não era a materialidade humana, pois a natureza, em seu retorno, era para ser disneificada. Saem definitivamente da luminosidade, adentram à escuridão, o volume de água volta a aumentar, os efluentes diminuem sua interferência sobre a coloração do rio, não havia mais cidade. Descendo, falando menos, com objetivos menores, cai a chuva, trazendo uma nova água, de um tempo outro que não era possível saber sua exatidão, elevando os riscos, trazendo histórias sem palavras, que poderiam ser imaginadas, de outros lugares, culminância de outras espacialidades, que se juntavam àquela (BACHELARD, 2018; DARDEL, 2015; MASSEY, 2013).

O tempo da chuva, ou a inexatidão dele, torna a água do rio uma composição de tempos irregulares e simultâneos. Ao cair em determinado trecho, aquela água, de um outro tempo, se mistura à água do tempo presente, mas sem querer, muito menos poder, acertar as contas com a história. A água, vinda de muitos lugares distintos, traz uma infinidade de histórias que, ao se misturarem, produzem eventualidades, com a materialidade metamorfoseando a elaboração de novas espacialidades, impedindo a representação.

O espaço geográfico, alimentado e em relação permanente com a eventualidade dos lugares, não é representado, pois a água vem de cima, dos lados, dos efluentes, afluentes, da evaporação, da condensação, das diversas composições atmosféricas, até de dentro da terra, brotando quando menos se espera, trazendo o que não se imagina ser trazido, isso porque não se sabe o que veio, de onde veio, como veio. Tanto no rio, quanto na escola, ao superarmos a chuva, a fuga da luminosidade pôde nos oferecer muitas possibilidades, especialmente quando não temos a intencionalidade de explicá-la.

Avistamos o mar, brincamos, conhecemos, desconhecemos, passamos por manguezais. Quanta organicidade! Há muitos organismos misturados, não temos como separar, é pretensioso imaginar, pois o que está no fundo é expelido, vem à superfície, se mescla ao dejetivo, ao sedimento, ao que é produzido para obstruir, desenvolver, progredir, indo para o fundo, de novo, não sendo mais o que era quando de lá saiu em outros tempos. Deleuze & Guattari afirmam que se coloca um “problema muito especial do mar, pois este é o espaço liso por excelência” (2012, p. 198), e que

Tudo isso não só para lembrar que o próprio liso pode ser traçado e ocupado por potências de organização [...], [...] para mostrar, sobretudo, independentemente de qualquer juízo de valor, que há dois movimentos não simétricos, um que estria o liso, mas o outro que restitui o liso a partir do estriado (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 200).

À essa altura, já no encontro com o mar, o barco navega por uma imensidão, estando com a água que já foi início, chegando novamente ao fim, de novo sendo iniciada, pois, com o calor, sobe, para descer, sendo chuva, apodrecendo no mangue, também no esgoto, fertilizando, pois até o solo podre gera vida. Há vontade de potência em toda a vida orgânica, até nas inorgânicas, como vimos com o lixo. Ao produzir vida, desperta seu desejo de continuar a brincar, sem alguém querer mediar, conscientizar, conquistar, até porque todos no barco, na escola, no rio, não necessariamente nessa ordem, querem viver brincando, com o poeta Bachelard (2018) que também quer falar mentiras, inclusive quando tentou dizer verdades, com o Dardel (2015) que quer irrealidades, com a imaginativa Massey (2013), que nos joga às eventualidades, e, sem desejar algo maior, com Deleuze & Guattari (2022), que estimulam que sejamos estrangeiros em nosso próprio idioma.

Referências

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- BERGSON, H. **A ideia de tempo**: Curso no Collège de France (1901-1902). São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 4. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana**: Danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.
- LATOUR, B. **Ciência em ação**: Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- LATOUR, B. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. A língua da escola: alienante ou emancipadora? In: LARROSA, J. **Elogio da escola**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 19-40.
- MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- OLIVEIRA, JR. W. Em busca do lá: educação, espaço e linguagem. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1161-1182, jul./set., 2017.
- OLIVEIRA, JR. W. Geografias menores: potências de expressão entre imagens, pesquisa e educação. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 9, n. 17, p. 27-43, jan/jun., 2019.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

Contribuição dos autores

Conceitualização: SILVA, C. A. DA Curadoria de dados: Não aplicável. **Análise formal**: SILVA, C. A. DA Aquisição de financiamento: Não aplicável. **Investigação**: SILVA, C. A. DA Metodologia: SILVA, C. A. DA Administração do projeto: Não aplicável. **Recursos**: Não aplicável. **Software**: Não aplicável. **Supervisão**: Não aplicável. **Validação**: SILVA, C. A. DA Visualização: SILVA, C. A. DA Escrita – rascunho original: SILVA, C. A. DA Escrita – revisão & edição: SILVA, C. A. DA

Base de dados

Não se aplica

Financiamento

Este trabalho não recebeu nenhum subsídio específico de agências de fomento nos setores público, comercial ou sem fins lucrativos.

Conflito de interesse

A autora declara não haver conflitos de interesse.

Aprovação do conselho de ética

Não se aplica.

Agradecimentos

Não se aplica.
